

**ENAN  
PUR** 2023  
Belém 22 a 26 de maio



## OS DESENHOS DE CRIANÇAS DA COMUNIDADE QUILOMBOLA DO RIO ITACURUÇA COMO REGISTRO VISUAL CULTURAL E DE MEMÓRIA DO LUGAR.

Raquel Rodrigues Pinheiro da Luz<sup>i</sup>  
Instituto Federal do Pará, Belém, PA, Brasil

Priscilla Fragoso da Silva Porto<sup>ii</sup>  
Secretaria de Educação do Município de Blumenau, SC, Brasil

### Sessão Temática 13: Identidade e territórios: adaptação e resiliência

---

*Resumo.* A pesquisa nasce a partir de experiências nas aulas de artes na Comunidade Ribeirinha Quilombola do Rio Itaracuruçá. Objetiva ilustrar a cultura da comunidade através do desenho infantil que se torna um registro visual do cotidiano da comunidade, assim como, apresenta o olhar da criança ribeirinha quilombola pela arte educação como prática artística significativa para a identidade da comunidade local.

*Palavras-chave:* Cultura quilombola, identidade local e registro visual.

---

### THE DRAWINGS OF CHILDREN OF THE QUILOMBOLA COMMUNITY OF THE ITACURUÇA RIVER AS A VISUAL CULTURAL RECORD AND MEMORY OF THE PLACE.

*Abstract.* The research is born from experiences experienced in the arts classes in the Riverside Community Quilombola river Itaracuruçá. It aims to illustrate the culture of the community through children's drawings that become a visual record of the community's daily life, as well as presenting the perspective of the riverside quilombola child through art education as a significant artistic practice for the identity of the local community.

*Keywords:* Quilombola culture, local identity and visual record.

---

### LOS DIBUJOS DE NIÑOS DE LA COMUNIDAD QUILOMBOLA DEL RÍO ITACURUÇA COMO REGISTRO VISUAL CULTURAL Y MEMORIA DEL LUGAR.

*Resumen.* Máx. La investigación nace de experiencias experimentadas en las clases de arte en la Comunidad Ribereña Quilombola río Itaracuruçá. Su objetivo es ilustrar la cultura de la comunidad a través de dibujos de niños que se convierten en un registro visual de la vida cotidiana de la comunidad, así como presentar la perspectiva del niño quilombola ribereño a través de la educación artística como una práctica artística significativa para la identidad de la comunidad local.

*Palabras clave:* Cultura quilombola, identidad local y registro visual.

---

## Primeiras Palavras

[...]a visão só aprende vendo, só aprende por si mesma. [...] Instrumento quase move por si mesmo meio que inventa seus próprios fins, o olho é aquilo que foi comovido por um certo impacto do mundo e que restitui o visível pelos traços da mão. (MERLEAU-PONTY, 1975, p. 280-281, grifos do autor)

Na infância temos uma relação muito forte com a memória visual ligada aos lugares que fazem parte do ciclo familiar e à comunidade na qual a criança está inserida. A percepção é mais do que simplesmente “enxergar algo” ou observar tal qual afirma Merleau-Ponty. As narrativas imagéticas dos desenhos infantis nessa pesquisa mostram a vida de ribeirinhos descendentes de quilombolas, o rio como um espaço que não é a cidade e nem totalmente o campo, lugar este podendo ser enxergado como um quilombo contemporâneo. Um lugar reestruturado com todas as influências externas que corroboram para uma invisibilidade da cultura africana e indígena que já estiveram vivas nele.

A comunidade Quilombola do Rio Itaracuruça foi apurada na demarcação administrativa por meio do processo nº2001/274.554 e está localizada no município de Abaetetuba, com área total de 11.458,5310 hectares (ITERPA, 2002). Área correspondente a todo território/ baixo médio e alto Itacuruçá. No município de Abaetetuba se somou até 2010, 8 comunidades remanescentes de quilombolas: Acaraqui, Tauerá-Açu, Arapapu, Arapapuzinho, Genipaúba, Alto, Médio e Baixo Itacuruçá.

As imagens produzidas pelas crianças da comunidade objetivaram reconstruir a partir do imaginário infantil um espaço de preservação da cultura ancestral, ressaltando o desenho como registro de memória da criança, o meio

---

social e o espaço (lugar e espaço de partilha de conhecimento). Ainda hoje, se vive um apagamento da cultura afrodescendente, pouco se sabe a respeito dos primeiros quilombolas que ocuparam esse “lugar” é notória a religiosidade nessa comunidade que tem forte presença da igreja evangélica e católica compreendendo esse processo tal qual aconteceu no período de colonização:

O processo de colonização do Pará reproduz a experiência portuguesa nas demais regiões. A complementação do domínio da terra com o trabalho catequético-apostólico dos missionários, principalmente os jesuítas, também aqui se desenvolveu notavelmente com o auxílio da música, que eles empregavam como veículo pedagógico e político. Diversas ordens religiosas se estabeleceram na Amazônia: franciscanos, mercedários, carmelitas, capuchos da Piedade, jesuítas. Os franciscanos foram os primeiros a construir conventos, em Belém, em 1617. (Salles, 1980, p. 35-36)

As igrejas estão na comunidade há mais de 80 anos, sendo a igreja católica a mais antiga e a evangélica tem 78 anos de existência, não tem dados, nem resquícios históricos entre os moradores antigos e contemporâneos de religião de matriz africana na comunidade atualmente.

Como mapear, desenhar e criar imagens sobre as vidas que ali existiram e resistem na vida dos que agora estão lá? Histórias de famílias e de um lugar de resistência negra cuja ancestralidade africana permanece nas práticas com a natureza, mas no que diz respeito as crenças religiosas, somente as igrejas citadas estão presentes. Vale ressaltar que as comunidades religiosas em situações como esta também atuam com um assistencialismo coletivo necessário pela falta de políticas públicas de amparo a estas comunidades.

Será pelo olhar infantil que veremos a cultura do quilombo, neste âmbito a criança será o reflexo do que temos hoje como identidade da comunidade.

A perspectiva do olhar, a experiência exploratória da criança e a leitura visual, através da arte educação faz com que essas experiências contribuam para que desde muito pequeno, as crianças desenvolvam senso estético e crítico, o conhecimento de si mesmo, dos outros e da realidade que as cercam.

A maior parte da literatura sobre o desenho infantil tem como objetivo a descrição do papel que a criança use suas habilidades e sua inteligência e isso faz com que a criança desenvolva a distinguir um desenho e sua produção

---

criadora; isso porque “compreender a trajetória expressiva da criança é uma tarefa instigante” (MARTINS; PICOSQUE; GUEVIA, 1988, p. 94).

A importância do desenho na infância não se faz somente como um instrumento de representação da sua realidade, mas está diretamente relacionada ao gesto, à expressividade e ao seu estado psicológico.

## A EXPRESSÃO DOS DESENHOS LIVRES

O ato de desenhar exige o poder de decisão. O desenho é processão, é revelação. Ao desenhar nos apropriamos do objeto desenhado, revelando-o. O desenho responde a toda forma de estagnação criativa, deixando que a linha flua entre os seus e os mãos da sociedade (DERDYK, 1989, p. 46).

As imagens expressas nos desenhos nos trazem uma reflexão sobre a importância da arte entendida e do registro do desenho como memória espacial e cultural revelando a subjetividade do universo infantil, e dentro deste contexto, uma comunidade ribeirinha e quilombola.

A oficina de desenho livre aconteceu na Escola Municipal Raimundo Bandeira localizada as margens do Rio Itaracuruçá e propiciou experiências pedagógicas por meio da arte utilizando as referências que às crianças trazem de sua vivência dentro e fora do âmbito escolar cuja perspectiva indica que o desenho revela a maneira como a infância se faz nas comunidades ribeirinhas e quilombolas do Pará durante as aulas de arte com as crianças da comunidade as faixas etárias de 4 a 6 anos em sistema multisseriada na educação infantil (1º e 2º ano).

Na ausência de artefatos, fotografias e instrumentos, sobre a cultura dessa comunidade os desenhos se tornam fontes significativas, para a compreensão do sujeito ribeirinho quilombola ressignificado pelo olhar infantil esse espaço de memória e saber com a percepção de novas relações com o mundo contemporâneo .

As singularidades das crianças da comunidade do Rio Itaracuruçá envolvem referências constitutivas de experiências próprias inseridas em um contexto repleto de informações, historicidade e cultura que estão implícitas na criação do seu desenho.

---

A inserção da arte na escola e legitimada pelas diretrizes curriculares nacionais para educação infantil (BRASIL, 1996), as quais objetivam que as instituições promovam o relacionamento e a interação das crianças com diversificadas manifestações do desenho infantil da criança, ao conhecer a arte de outras realidades cotidiana, poderá fazer uma observação crítica da forma geral do pensar e o agir da criança. Assim,

A arte de cada cultura revela o modo de perceber, sentir e articular significados e valores que governam os diferentes tipos de relações entre os indivíduos na sociedade. A arte solicita a visão, a escuta e os demais sentidos como portas de entrada para uma compreensão mais significativa das questões sociais (BRASIL, 2000, p. 20).

Como mote para a produção desses desenhos, fizemos a apreciação de cada um deles, pois a visualidade dos mesmos pelos discentes, de algum modo, incentiva o interesse delas pelas próprias produções, pelas diversas obras artísticas existentes sejam regionais, nacionais ou internacionais, visando a ampliação de senso crítico e do conhecimento da criança dentro da sala de aula e da cultura mundial. A criação do desenho tinha como temática o cotidiano da comunidade: um registro do seu mundo.

A representação da realidade dessas crianças pelo desenho como um registro visual e de memória da cultura quilombola ou até mesmo e deflagração de uma cultura que sofre graves influencias externas. Como podemos identificar



**Figura 1:** A olaria e a comunidade autor: criança de 6 anos (Fonte: elaborada pelas autoras).

Na Figura 1, a criança representa a olaria localizada na comunidade do Rio Itacuruçá; aí estão refletidas as relações de trabalho dos espaços e entre o rio e a terra que se conectam pelas relações cotidianas.

---

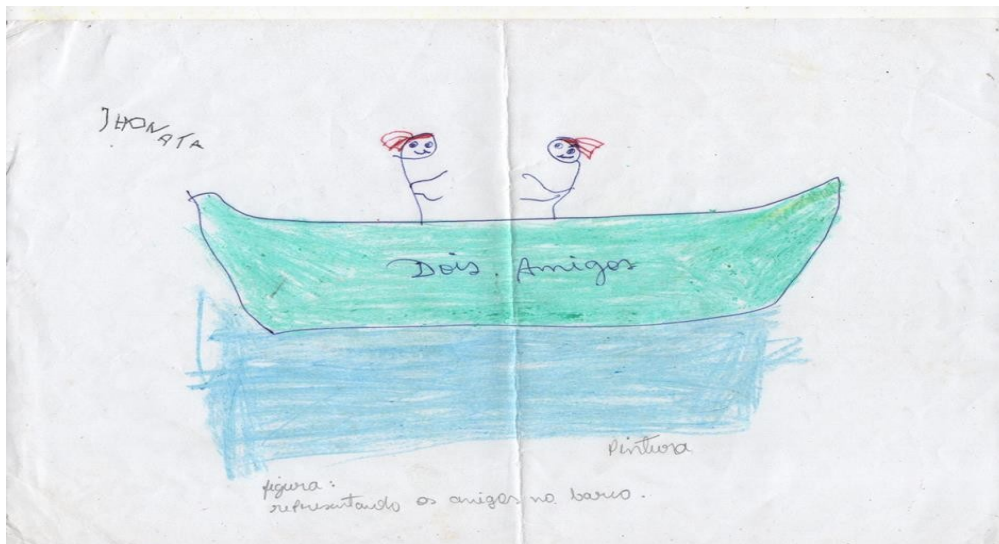


Figura 2: Dois Amigos, criança de 4 anos. (Fonte: elaborada pelas autoras).

O desenho (Figura 2), apresenta dois amigos que se encontram durante o seu deslocamento cotidiano nos barcos; na sua produção demonstra as relações sociais no meio de transporte mais popular: a canoa. A representatividade de como é deslocar-se de canoa, Dessa maneira, percebe-se a representação da amizade, do lugar e traços de uma singularidade advinda da vida ribeirinha representada no desenho.

## OS TRAÇOS DA CULTURA REGISTRADOS NOS DESENHOS

Na produção dos desenhos, buscamos entender como a cultura ribeirinha quilombola está sendo difundida na comunidade do rio Itacuruçá, via as representações e sentidos atribuídos pelas crianças que ali vivem e convivem, feito para a apreensão dos sentidos e significados sobre o cotidiano ribeirinho quilombola nesse lugar e sob o olhar das crianças por meio das imagens extraídas dos desenhos criados por elas.

A relação da educação nas comunidades ribeirinhas possui diversos aspectos diferentes da relação que a escola tradicional na cidade por exemplo. O que antes era viável somente para as pessoas que saíam dos rios e iam morar na cidade para estudar, atualmente ter a escola às margens dos rios possibilita essa amplitude e acesso à educação.

O acesso ao lugar aos espaços também são feitos pelos rios e a relação dos elementos da natureza e cotidiano estão presentes nas imagens feitas pelas crianças. Cada criança trará uma percepção desse lugar, que é exatamente o lugar dela, sua história e sua memória.



**Figura 3:** Do Rio a Escola, criança de 6 anos. (Fonte: elaborada pelas autoras).

Na Figura 3, a criança retrata os alunos ribeirinhos quilombolas indo para a escola junto com o rabeteiro no barco. É importante, nesse processo educativo, a relação que a criança tem com a sua história e as raízes e as marcas da sua comunidade; aqui vemos um relato cultural e ontológico de sua vida.

Essa luta por escola com a marca da negritude por si só tem relevância ímpar. Dito isso, consideramos importante destacar, com base nas observações realizadas, que em algum momento a escola precisa dar importância ao tema (o ser quilombola) visando contribuir com a aprendizagem dos alunos sobre a questão, visto que o tema se faz latente quando manifestam ou não o reconhecimento da raça, pelo conhecimento ou não da história do território onde moram e suas origens e porque alguns sentem o desejo de saber mais sobre esse diverso cultural. Assim a concretude do 'ser quilombola' é expressa no eu "já ouvir falar", agregando o contraditório e plural de compreensão sobre o assunto (BARRETO; POJO, 2018, p. 45).

Vale ressaltar que essa relação da escola com o indivíduo é o reconhecimento do aluno com relação à importância dessa instituição na vida da comunidade e o valor da sua identidade de ribeirinho e de quilombola





**Figura 4:** Profissões da Comunidade, criança de 6 anos. (Fonte: elaborada pelas autoras).

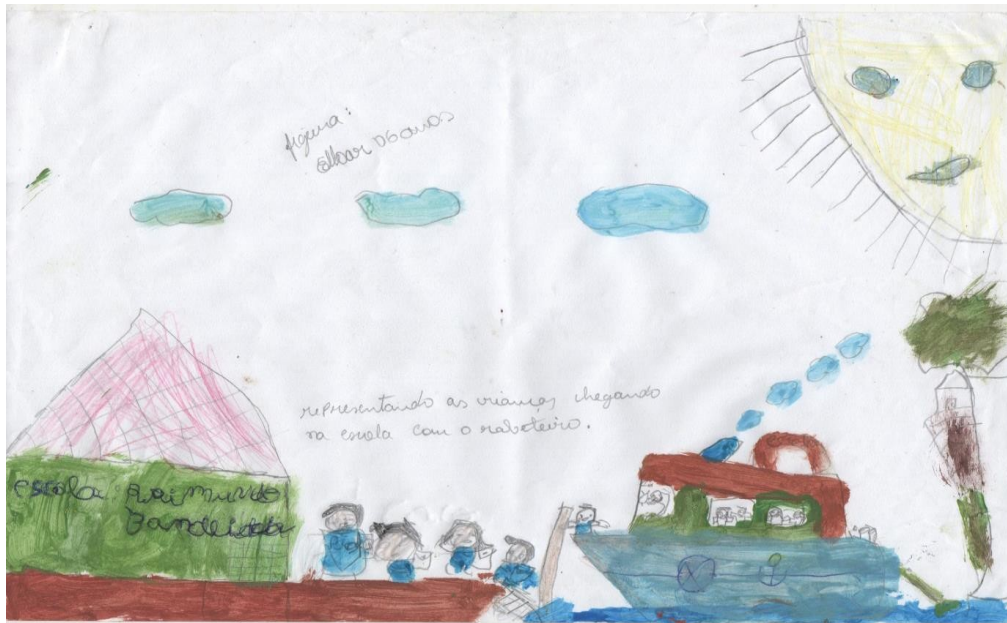
Na Figura 4, há predominância das profissões com as quais se tem contato na comunidade como os apanhadores de açaí, responsáveis em apanhar o sustento nosso de cada dia. A criança fala da sua realidade diária, expressas nas figuras do apanhador de açaí e no rabeteiro.



**Figura 5:** Olaria da Comunidade, criança de 6 anos. (Fonte: elaborada pelas autoras).

Na Figura 5, a criança, retrata as olarias; os oleiros e os barreiristas trabalham com a argila, na produção de tijolos e telhas, outra realidade da comunidade, o desenho ilustra a divisão de trabalho na Olaria.





**Figura 6:** Ida para a Escola, criança de 6 anos (Fonte: elaborada pelas autoras)

Na Figura 6, a criança, que mora no Rio Itacuruçá, descreve seu cotidiano para chegar à escola, os alunos e o rabeteiro<sup>1</sup> no seu barco; na ilustração, insere o contexto sociocultural em que vive.



**Figura 7:** Apanhador de açaí, criança de 6 anos (Fonte: elaborada pelas autoras)

Na Figura 7, a aluna traz a profissão dos seus pais como tema para o desenvolvimento do seu desenho; ela relatou que seus pais são “apanhadores” de açaí e levam pra vender na Cidade de Abaetetuba. A aluna projeta seu

---

<sup>1</sup> Rabeteiro: termo popular para designar pessoa que opera tipo de barco pequeno, com motor traseiro, próprio para navegação em águas rasas.

cotidiano demonstrando as etapas da colheita do açaí.

No dia da produção dos desenhos as crianças foram descrevendo, por meio de conversas, a importância e o significado de cada imagem produzida por eles, demonstrando bastante espontaneidade para conversar sobre seu cotidiano.

As profissões da comunidade do Rio Itaracuruçá foram bastante exploradas por intermédio das ilustrações dos desenhos das crianças: como o extrativismo de açaí e as olarias, atividades importantes e culturais da região.

A comunidade vive em um contexto rural ligado a vida as margens do rio porém a globalização está presente no que é consumido pela escola, televisão e internet, se configuram como influências externas e isso influencia na maneira a criança se reporta a profissão dos pais por exemplo profissões consideradas por eles mais simples e hierarquicamente inferior aquelas que necessitam de capacitações, estudo, e afins.

Vale ressaltar que a relação identitária para a formação dos sujeitos como o trabalho, a tradição quilombola e os valores de base da cultura e tradição foram expressos pelas crianças embora a tradição quilombola seja, “na maioria das vezes, silenciada no tempo presente e em sua história, principalmente para as crianças que já nascem nessa ‘sociedade globalizada’, onde o que predomina é a cultura de massa” (BARRETO; POJO, 2018 p. 67).

Desta forma, é importante a escola trazer os temas ligados a cultura local, as tradições em respeito à diversidade brasileira, a manutenção da memória do povo, a valorização e o empoderamento da cultura quilombola, a luta e resistência da comunidade, assim como poder capacitar e dar subsídios intelectuais para que as crianças sejam protagonistas das suas histórias sem esquecer sua ancestralidade.

O registro visual dos desenhos, fazem uma travessia entre o rio e a terra, saí das margens do conhecimento de vida e mergulha na vida acadêmica, como uma criança retrata a comunidade e a vida ribeirinha quilombola e a infância da criança ribeirinha quilombola valorizando o cotidiano e a ancestralidade dos povos ribeirinhos quilombolas que vivem no interior das ilhas, tornando-se um registro histórico de vida desses povos. O desenho é o relato de vida da criança, é sua voz em forma de imagem, ressaltando que são crianças de uma comunidade quilombola que precisam serem ouvidas, Bell Hooks e seu relato de vida nos mostram o quanto é importante a expressão da fala e da escuta social:

---

Minha experiência como jovem negra não era reconhecida. Minha voz, assim como a de mulheres como eu, não era ouvida. Sobretudo, o movimento mostrou como eu me conhecia pouco e também como conhecia pouco meu espaço na sociedade. Enquanto não consegui fazer minha voz ser ouvida, não consegui pertencer verdadeiramente ao movimento. Antes de exigir que os outros me ouvissem, precisei ouvir a mim mesma, para descobrir minha identidade (HOOKS, 2020, p.10).

Reconhecer nossas origens antes de tudo é um processo de compreensão das lutas, de consciência de classe e do lugar que ocupamos essa percepção no que diz respeito a cultura ribeirinha e quilombola é importante para a manutenção da cultura, da história de vida local e das raízes por parte das crianças, assim, na infância é importante elucidar questões identitárias culturais da comunidade pesquisada onde o desenhos representados pelas crianças refletem sua voz e o olhar delas sobre a vida ribeirinha e quilombola.

## REFERÊNCIAS

BARBOSA. Ana Mae Tavares Bastos, A imagem no ensino da arte: Editora Perspectiva, 1991.

BARRETO; POJO. Apud Revista Interdisciplinar da Divisão de Pesquisa e Pós-Graduação Campus Universitário de Abaetetuba/Baixo Tocantins/UFGA ISSN – 1806-0560 Vol. 08 N. 12 Junho/2018

HOOKS, bell. E eu não sou uma mulher?: mulheres negras e feminismo/bell hooks; tradução Bhuvi Libanio. 7ª ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2020.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. A educação como cultura. Campinas: Mercado de Letras, 2002.

BRASIL. Lei nº 9394, 20 de dezembro de 1996. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasília: Ministério da Educação e do Desporto, 1996.

\_\_\_\_\_. Parâmetros Curriculares Nacionais. 2020

\_\_\_\_\_. Base Nacional Comum Curricular. Ministério da Educação e Cultura. Brasília, DF: MEC, 2018.

CUNHA, Manoela Carneiro da; ALMEIDA, Mauro W. B. Populações tradicionais e conservação ambiental. In.: CAPOBIANCO, João Paulo Ribeiro *et al.* Biodiversidade na Amazônia brasileira: avaliações e ações prioritárias para a conservação, uso sustentável e repartição de benefícios. São Paulo: Instituto Sócio Ambiental, 2001.

DERDYK, Edith. Formas de pensar o desenho: desenvolvimento do grafismo infantil. São Paulo: Scipione, 1989

---

DERDYK, Edith. Formas de pensar o desenho. Porto Alegre, RS: Zouk, 2003.

ITERPA. Governo do estado do Pará, 2002

MAESTRI, Mário. A servidão negra. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1988.

MERLEAU-PONTY, M.O Olho e o espírito. São Paulo: Cosac & Naify, 2004.

MORENO, Márcia. O desenho: um processo de ensino, aprendizagem e desenvolvimento do processo criativo. Revista Pedagógica Unochapecó. Ano 10, n. 21. Cahepcó, jul./dez., 2008.UFPA. Projeto Integrando Conhecimentos e Saberes: uma experiência educativa na primeira escola quilombola de Abaetetuba/PA. Universidade Federal do Pará  
- Campus de Abaetetuba/GEPSEED. Abaetetuba, 2013 (Digitalizado).

SALLES, Vicente. O negro no Pará, sob o regime da escravidão. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas; Belém: Universidade Federal do Pará, 1971. (Coleção Amazônica, série José Veríssimo)

---

<sup>i</sup> Quilombola da comunidade Itaracuruça, Formada em Artes Visuais e cursando Saberes Ribeirinhos e praticas pedagógicas pelo EJA IFPA Instituto Federal do Pará, Professora da Educação Basica do Municipio de Abaetetuba. *E-mail: raquel.rodriguesluz@gmail.com*

<sup>ii</sup> Mestre em Artes pelo Instituto de Ciência da Arte - ICA-UFPA, Licenciada em Educação Artística pela UFPA, Professora no Municipio e no Estado em Santa Catarina.  
*E-mail: profpriporto@gmail.com*